

Entrevista com Wellington Amarante Oliveira

Wellington Amarante Oliveira - Doutor (2017), mestre (2011) e graduado (2009) em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis. É professor adjunto do curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (ICHPO/UFU) e docente do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), Núcleo UFT/Araguaína. É membro dos Grupos de Pesquisa História e Mídias Eletrônicas, Mídia e Saúde, História Política Contemporânea e Laboratório de História Digital (LAHISD). É docente orientador do Núcleo História/Geografia Pontal do Programa Residência Pedagógica.

Entrevista concedida no dia 18/11/2020 a Carla Drielly dos Santos Teixeira, membra da Comissão Editorial da Revista Temporalidades e doutoranda na linha de pesquisa História e Culturas Políticas do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. A versão integral está disponível no IGTV Instagram (@revistatemporalidades).

[Revista Temporalidades] – Bem-vindas, todas e todos! Essa é mais uma live da Revista Temporalidades! Hoje nós temos aqui o professor Wellington Amarante, que vai tratar sobre o tema “Televisão e História Pública: usos do passado e o papel do historiador?”. O professor Wellington Amarante, que é Mestre e Doutor pela UNESP de Assis, fez o estágio no exterior, no *Laboratoire de Recherche Historique Rhône-Alpes*, em Lyon na França, trabalha com televisão, especialmente com televisão educativa e História da República. Professor da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal. Wellington, por favor, fique à vontade para cumprimentar a todos e iniciar a sua fala. Nós combinamos de ter uma fala inicialmente de 20 minutos (...) Wellington, a palavra é sua, por favor!

[Wellington Amarante Oliveira] – Obrigado, Carla! Boa noite a todos e a todas que estão aqui com a gente acompanhando! Tem muitos conhecidos aparecendo aí. Cumprimentar a todos e todas! Gostaria de agradecer a Revista Temporalidades pelo convite, parabenizar pela iniciativa

das lives. A gente sabe que tocar uma revista discente por si só não é uma atribuição simples e ainda buscar outras alternativas, outras possibilidades, como esse trabalho que vocês têm nas redes sociais, demonstra a força do grupo que vocês têm e a preocupação em levar esse conhecimento acadêmico para além dos muros também na universidade, expandir o quanto for possível, a partir das redes sociais. Então parabeno a revista por todo esse trabalho que vem sendo feito, ainda mais nesse período de grave crise que vivemos neste ano de 2020 com a pandemia. Bom, gostaria inicialmente de, conforme a gente tinha combinado, falar um pouco sobre a minha trajetória. A Carla pontuou alguns elementos dela em relação à formação e aí eu gostaria de tratar um pouco dessa trajetória acadêmica e pensar um pouco já o nosso tema, a temática que eu me coloquei à disposição para conversar um pouco hoje com vocês, que é essa discussão sobre a televisão e a história pública, essa possibilidade de interface entre essas duas temáticas. Eu, particularmente, tenho trabalhado com a televisão enquanto fonte, objeto da historiografia da história desde o meu mestrado, ainda no final da graduação, mas precisamente a partir do mestrado, quando eu investiguei a criação do programa Telecurso segundo grau, programa criado pela Fundação Roberto Marinho em parceria com a TV Cultura de São Paulo em 1978, ali no período final da ditadura militar. E esse programa, que depois ficou muito conhecido até por suas novas versões como Telecurso 2000 e o Novo Telecurso, ele na verdade serviu como uma espécie de legitimação política da Rede Globo, no momento que a emissora tinha uma imagem muito associada ao regime militar, à ditadura. E, neste sentido, o programa teve um papel importante enquanto um prestador de serviço para a comunidade, para a sociedade e se tornou um paradigma de Tele-Ensino, a gente pode chamar de Tele-Ensino. E hoje vivemos esse momento de ensino remoto (...) a gente, na verdade, olha para trás e a questão dessa educação à distância tem uma longa história, uma longa trajetória. Naquele momento do mestrado eu tive a oportunidade de ter contato tanto com fontes impressas da televisão, relatórios do programa, parte da imprensa, a imprensa escrita também foi uma fonte importante com alguns grandes jornais do eixo Rio-São Paulo e da fonte audiovisual, que é um grande desafio para o historiador. Então, eu tive a oportunidade, em tratativas com a TV Cultura, de acessar esse material audiovisual, tendo em vista que a TV Cultura era uma das parceiras da produção do Telecurso, então eles detinham esse material nos seus arquivos e eu consegui ter acesso a esse material. Não de forma muito tranquila, na verdade foi uma novela, para usar uma metáfora da televisão, porque como eles não detinham os direitos autorais do material, que na verdade é cedido a Fundação Roberto Marinho exclusivamente, eles não podiam me ceder esse

material para eu trazer, levar para casa, nada disso, eu precisei fazer esse visionamento na própria instituição, mediante, inclusive, pagamento do tempo de horário que eu ficasse visualizando ali, porque eles adotavam uma política comercial neste departamento de marketing da TV Cultura, na comercialização dessas imagens. Eu consegui acessar ali algumas horas do programa, mas foi o suficiente para eu concluir a minha análise, a minha dissertação. Eu não fui desavisado. Um dos grandes desafios, e aí a Carla citou o professor Áureo Busetto - que já vem de longa data alertando para esse desafio dos historiadores que querem trabalhar com a televisão -, sobre o acesso às fontes, então, esse realmente é um desafio há tempos, que de certa forma tem tido alguma mudança com a questão da digitalização dos acervos, com essa virada digital que vivemos na última década, então isso coloca, talvez, uma nova condição de acesso. Mas ainda assim nós temos, no caso da televisão brasileira, basicamente, o monopólio das comunicações. Então você tem na mão de algumas empresas comerciais privadas uma porcentagem muito alta dos meios de comunicação. E aí, claro, eles tratam esse produto como um produto comercial, então, dificultando qualquer tipo de acesso, e esse é um problema muito grande. Por outro lado temos, como eu disse em relação às possibilidades digitais, a criação das plataformas de Streaming. Já tinha o YouTube, no final dos anos 2000, e hoje é muito maior do que muitas produções televisivas, contamos com trechos de programas, então é possível garimpar através do YouTube. Então, isto dá algumas possibilidades, algumas brechas, mas ainda assim a gente tem uma dificuldade, sobretudo, porque a gente não tem aqui no Brasil um acervo, um arquivo, digamos assim, um arquivo nacional do audiovisual voltado, exclusivamente, como a gente tem, por exemplo, o Arquivo Nacional que está basicamente voltado para documentos impressos. Então você tem ali documentos impressos e até documentos ligados à televisão, mas documentos que passam, por exemplo, pelo Governo Federal, documento de censura, tudo isso você tem em alguma medida no Arquivo Nacional. Mas em termos de audiovisual isso é muito raro, mesmo o Museu da Imagem e do Som, também, o acervo é muito restrito. Nós temos o caso mais emblemático, recentemente, que é o caso da Cinemateca, que encontra-se, infelizmente, fechada, numa crise. Ali está algum material, o material do telejornalismo da TV Tupi, bastante interessante, que vem sendo trabalhado pelos pesquisadores que lá estão, que lá se encontram, mas que no momento também não pode ser acessado. Então esse é o quadro, de forma geral, que eu encontrei em relação ao trabalho no mestrado. (...) Quando eu vou para o doutorado eu continuo trabalhando com a TV educativa, mas aí já é uma perspectiva comparada. Então eu faço uma análise do canal Futura, que é da Fundação Roberto Marinho, com um canal educativo

francês chamado *La Cinquième*, que surge também na década de 1990, o Canal Futura é de 1997 e a *La Cinquième* é de 1994. Então, eles surgem mais ou menos na mesma época tentando responder, de certa forma, a problemas parecidos. No Brasil nós temos, por exemplo, uma crise educacional praticamente crônica, então nos anos 1990 isso não era diferente. Havia uma dificuldade de acesso e permanência na escola, e o Canal Futura surgiu um pouco com essa missão de tentar dar acesso, de chegar às escolas, de chegar à população. A França também passava por uma crise de emprego muito grave nos anos 1990 e eles criam esse canal educativo no intuito de primeiro integrar alguns setores da sociedade francesa que estavam apartados e, sobretudo, os imigrantes, os filhos de imigrantes - e a gente vê o quanto essa questão é um problema ainda mais grave hoje - e aí essa TV vai ser criada. Então aqui no Brasil, no caso do acesso à fontes para essa pesquisa, eu consegui no caso do Canal Futura por ser um canal educativo, tem um diálogo e uma interface muito melhor com os pesquisadores e me disponibilizaram o acesso a parte do material de audiovisual e da documentação, também, do momento de fundação. Documentação não tão extensa, mas que eu consegui de certa forma historicizar um pouco esse processo inicial. Quando eu vou para França, para Lyon, onde eu fiquei fazendo meu estágio de pesquisa, lá eu vou encontrar um cenário bastante diferente em relação ao acesso e ao acervo televisivo. Primeiro porque lá na França existe o Instituto Nacional do Audiovisual, o INA. Esse Instituto tem basicamente tudo que foi veiculado na televisão francesa nas últimas décadas, então é um grande acervo nacional do audiovisual e você pode consultar o programa, assistir o programa. Então quando eu volto da França, na verdade eu retorno com muito mais material da emissora francesa do que da emissora brasileira, isso me colocou o desafio para tentar equilibrar essas fontes. Então, perceba, até esse momento do doutorado eu estava trabalhando nessa perspectiva, nessa relação história e televisão, pensando os elementos políticos, também de organização política dessas emissoras e até aqui não tinha surgido para mim essa perspectiva da História Pública e dessa relação que seria possível estabelecer. Mas ainda no doutorado essa reflexão não entra na tese, mas já começo a pensar de certa forma o quê que poderia aproximar. Eu vou ter um contato aí com a História Pública e eu começo a pensar o que eu consigo aproximar da televisão para essa relação com a História Pública. E aí só para situar um pouco os nossos seguidores aqui, Carla, a História Pública surge no Brasil no começo dos anos 2010, basicamente, o marco de fundação da História Pública no Brasil é o curso que vai ocorrer na USP de Introdução à História Pública. De lá para cá, houve a realização de alguns eventos, a criação da Rede Brasileira de História Pública e vários

pesquisadores que foram se juntando, de certa forma, e formando a rede para pensar esse campo de pesquisa, que fora do Brasil já tem uma data aí pelo menos dos anos 1970. A História Pública surge, pelo menos nos países de língua inglesa, nos Estados Unidos, mesmo na Inglaterra, na Austrália, a partir dos anos 1970, fruto, sobretudo, de uma de uma grave crise de emprego, porque a escassez de vagas no sistema escolar e no sistema universitário vai obrigar esses historiadores formados a ocuparem outros espaços. A História Pública dialoga justamente com essa atuação do historiador para além dos muros da universidade. Neste sentido, as discussões de História Pública começaram, aqui no Brasil, a se incrementar, e eu tento pensar um pouco essa relação História Pública, televisão, de que forma a televisão se apropria dessa história, como ela pensa história. Por isso que eu trago aqui, no caso da nossa fala de hoje, esse subtítulo “Usos do passado e o papel do Historiador”, porque a gente cai justamente no meu projeto atual que eu tenho desenvolvido aqui na Universidade Federal de Uberlândia, no Campus do Pontal, no nosso Instituto de Ciências Humanas, que é justamente pensar qual o espaço que o historiador tem no jornalismo brasileiro. Então, eu fiz um recorte um pouco mais circunscrito, para ter a possibilidade de fazer uma primeira reflexão dentro desta temática que é muito ampla. Quando falamos em história, História Pública e televisão, podemos pensar em um mundo de possibilidades, e aí a minha ideia foi justamente circunscrever um pouco a esse aspecto do telejornalismo. Só para deixar vocês um pouco a par, quando pensamos nessa relação entre História Pública e televisão, e como eu enxergo pelo menos, primeiro é pensando qual a relação que a gente pode estabelecer, considerando que esses conteúdos que são produzidos na televisão seguem uma determinada lógica de produção que tem a ver com a própria televisão, com a forma que a televisão produz os seus conteúdos. Então, eu parto, na verdade, da premissa de que não podemos ter uma hierarquização, o que temos são histórias sendo produzidas em espaços distintos. Então há: a história acadêmica, que é essa história produzida no âmbito da universidade; nós temos uma história escolar, produzida no âmbito das escolas, na dinâmica do próprio ensino de história; e nós temos uma história que podemos classificar, como uma história midiática ou uma história televisiva, que vai ser produzida justamente nesses espaços, nos meios de comunicação. Essa produção segue os padrões desses meios, por isso é importante a compreensão da televisão enquanto um meio de comunicação, a História Pública tem me ajudado a entender a forma como esses agentes vão pensar a história dentro da televisão. O mais importante, precisamos ver a forma como nós, enquanto historiadores, devemos ou podemos pensar e lançar mão para produzir história voltada a esses meios ou nesses meios, é a questão de

se colocar. A minha preocupação, quando eu faço esse recorte de pensar o telejornalismo, é o fato de ser muito corriqueiro vermos economistas, advogados, médicos, cientistas, ainda mais nesse contexto de pandemia, então tem todas essas pessoas, esses profissionais, eles estão ali na frente das câmeras, eles aparecem, eles têm esse espaço na televisão. E a minha pergunta é: e o historiador? Qual o espaço que o historiador ocupa na televisão? Os primeiros levantamentos que eu tenho - essa pesquisa, particularmente, se iniciou agora em abril deste ano [2020], então a minha perspectiva é de encerramento até 2022, trabalhamos com projetos de dois anos aqui na UFU -, trazem a necessidade de fazer esse apanhado para saber qual o espaço que esses historiadores têm ocupado. Em termos de acesso às fontes há a possibilidade do *streaming*. Eu tenho utilizado o Globoplay, plataforma da Rede Globo, justamente para ter acesso a essas reportagens. Esse acesso tem se dado no primeiro momento de pesquisa através de palavras-chaves, então eu tenho feito a busca por palavras-chaves “historiador”, “historiadora” e depois essa busca vai ser cruzada com outros termos, a partir deste levantamento inicial. Mas já nesse primeiro levantamento encontrei 318 reportagens com historiadores, tanto em jornais, telejornais nacionais da Rede Globo, como “Bom dia Brasil”, “Jornal Hoje”, “Jornal Nacional”, “Jornal da Globo”, ou telejornais das emissoras afiliadas. O que eu percebi, o que eu tenho percebido nesse levantamento, é que as emissoras afiliadas, as emissoras locais, têm uma perspectiva de praticar um telejornalismo comunitário, abrindo um espaço maior para os historiadores e as historiadoras. Então, o que tenho feito até o momento, é tentar compreender, tentar fazer esse mapeamento para perceber quais são as temáticas que aparecem, quem são esses historiadores, os próprios telejornais também, quais são os mais corriqueiros que acabam abrindo esse espaço. Nesse levantamento prévio que conta com as 318 reportagens foi possível fazer uma categorização. Foram estabelecidas 20 categorias que aparecem nessas reportagens. Vou dar um exemplo para você, aparece, por exemplo: reportagem sobre patrimônio histórico, então tem o historiador que vai comentar; aparece reportagem que eu classifiquei como acervo pessoal, geralmente eles pegam a figura de algum historiador, então vão ali falar um pouco quem que é essa pessoa; outra categoria que aparece é história regional, que tem a ver ali com o aniversário da cidade, com o aniversário de criação do Estado, então isso aparece de forma bastante significativa; divulgação de eventos também é muito comum aparecerem, então vai ocorrer um evento, vai ocorrer um lançamento de livro, o telejornal, geralmente, vai dar essa notícia, vai falar, muitas vezes, vai entrevistar o historiador, abre espaço para divulgar o lançamento do livro etc; e uma nota bastante curiosa nesse levantamento, que é uma categoria que me chamou bastante atenção, é a

categoria de falecimento, então, se por um lado os historiadores aparecem pouco em vida, o espaço maior é dedicado ao episódio da morte, porque, geralmente, quando os historiadores morrem eles vão ganhar uma nota, uma reportagem no telejornal. Para citar o exemplo mais mais concreto, o caso da morte de Eric Hobsbawm, que foi veiculado tanto nos quatro telejornais da Rede Globo e, inclusive no Jornal Nacional e com correspondente internacional, Marcos Losekann, fazendo a externa da porta do hospital onde o Hobsbawm morreu. Claro que o Hobsbawm é um ponto fora da curva, estamos falando de um dos principais historiadores do século XX, mas só para termos uma dimensão, e eu achei muito curioso, é que aparece muito, então a pessoa morreu aparece lá e aí vai mostrar a obra, quais foram os livros que publicou, a importância, então é bastante interessante. Eu já falei da pesquisa, então eu queria falar um pouco dessa dimensão mais geral das possibilidades que a gente tem para pensar a história, a História Pública e a televisão. Como eu disse, podemos pensar a partir dos gêneros televisivos, quando eu falei gênero televisivo eu estou pensando na teledramaturgia ou na telenovela, no telejornalismo, nos humorísticos, então, para ficar nesse três, o telejornalismo que eu já dei o exemplo da pesquisa que eu tenho desenvolvido agora, mas, por exemplo, a telenovela, há também muitos elementos que podemos pensar, não são poucas as tramas que têm utilizado e feito usos do passado, como eu classifiquei. Então, para dar dois exemplos, eu tenho uma orientanda que está trabalhando com a telenovela “Novo Mundo”, que foi exibida em 2017 pela Rede Globo, mostra o contexto da chegada de Dom João, depois de Dom Pedro, todo aquele momento da Independência. O trabalho dela está com o foco voltado, especificamente, para discutir a questão da escravidão e pensar as representações da escravidão nessa telenovela. Tinha uma trama central mais focada na família real, mas de certa forma, em alguns momentos a escravidão aparecia, então queremos entender um pouco como que ela parece, quais as representações que são mobilizadas. Uma outra telenovela que podemos tomar como exemplo e que foi exibida não na Rede Globo, mas no SBT “Amor e revolução”, lá em 2010, justamente no outro contexto político, nos espantamos com os movimentos políticos de Silvío Santos, mas ele sempre esteve ali coladinho com o poder, tanto que naquele período, na transição do governo Lula e Dilma, ele vai exibir, colocar em rede nacional uma telenovela sobre a ditadura militar, uma telenovela bastante contundente em mostrar a ditadura, inclusive, com depoimentos de pessoas que foram torturadas após a exibição da novela. Então, é um outro exemplo de telenovela que trabalhou com essa temática histórica, aliás foi a primeira telenovela a discutir de forma mais aprofundada a questão da ditadura militar. Então, o que precisamos pensar: o quê que é a telenovela? Quais são as

características? Então, tem a questão do melodrama? Tem a questão do melodrama, faz parte do gênero, então vai ter o casal, o par romântico, não adianta nós, enquanto historiadores, olharmos para aquilo de forma a tentar desqualificar o produto, faz parte da característica daquele produto. A mesma coisa nos humorísticos, no caso dos humorísticos temos vários exemplos de usos da história, então a história é a todo momento trabalhada, é usada para criação de chistes, de piadas. Posso citar o exemplo, do “Tá no ar a TV na TV”, um programa recente exibido pela Rede Globo, vários quadros, várias esquetes trabalharam com elementos históricos, com elementos da história. E mesmo o “Zorra”, outro programa da Rede Globo que também, vez ou outra, fazia piadas com o contexto do regime militar. Trouxe esses elementos para nós realmente pensarmos que são gêneros distintos e que cada um vai trabalhar com a história de uma forma. Para pensar numa análise comparativa desses três gêneros, é possível considerar, por exemplo, uma cena de “Amor e Revolução” que está falando da ditadura e poderia pegar uma reportagem sobre a ditadura no Jornal Nacional quando completou 50 anos do golpe em 2014 e fazer essa comparação. Ou posso pegar uma esquete do Zorra ou de outro programa humorístico que também trabalha a ditadura. Então, perceba, todos eles estão trabalhando a mesma temática, mas respeitando a lógica própria desse gênero. Tem um autor francês chamado François Jost, que discutiu justamente essa questão da relação que o telespectador estabelece com o programa, é uma espécie que ele chama de promessa. Se eu ligo a televisão que está passando uma telenovela eu vou esperar determinada situação daquela telenovela, se o que está passando é um telejornal, a minha expectativa pelo que o gênero promete para mim é outra coisa. É importante, ao fazer essa análise, também estar atento a esse elemento de distinção entre os gêneros, para pensar de que forma essa história está sendo construída, quais os elementos e as possibilidades que são múltiplas. Eu entro no caso da telenovela: pensar a construção desses personagens, a trilha sonora, pensar o próprio figurino, o cenário, os planos de câmera, ou seja, há uma infinidade de elementos que dizem respeito a esses aspectos técnicos da produção televisiva.

[R.T] – Eu queria retomar vários aspectos que eu achei muito importantes da sua exposição, mas um ponto que toca muito para nós que estudamos mídias, em geral, é o acesso à fonte. E você mencionou que durante o seu trabalho na dissertação, no mestrado, você não teve acesso a todos os programas do Telecurso, mas algumas edições foi o suficiente para fazer a narrativa, construir a história daquele programa, enfim, desenvolver o seu objeto. Então, eu queria que você mencionasse um pouco isso, é

possível fazer a pesquisa em mídia ou em audiovisual mesmo sem ter acesso ao conteúdo integral do material transmitido? Como funcionaria o tratamento dado a essa fonte?

[W. A. O] – Muito pertinente a sua questão, Carla. E, de fato, a regra é não ter o acesso a íntegra dos programas, partimos deste pressuposto que não teremos a íntegra. Primeiro que é um material muito vasto a depender do programa que você selecionar. Para alguns casos temos, por exemplo, se pensamos algumas telenovelas, algumas minisséries... hoje, com os streamings, você tem acesso à íntegra dos capítulos e aí é possível fazer um trabalho com esse audiovisual na íntegra. Mas, para outros programas, isso é praticamente impossível e, se pensarmos, inclusive, em períodos anteriores da televisão, anos 1970, anos 1960, isso fica ainda mais raro, o que há são fragmentos desses programas, por isso é importante se cercar dessas fontes, desse entorno. Então, seja por um lado, como eu disse, a imprensa escrita. A imprensa serve como esse elemento (...). A partir dos anos 1950-60, os jornais escreveram sobre a televisão. Depois vão criar, inclusive, cadernos especiais sobre a televisão, cadernos específicos para tratar a televisão, vão dar espaço a críticos de televisão. Então é possível utilizar essas informações para remontar o contexto e mesmo a obra, e o mesmo vale para o caso quando temos acesso a fontes impressas da televisão, às vezes é possível ter acesso a algum relatório, a algum roteiro, algum script. Só para dar um exemplo, no caso eu citei o telejornalismo da TV Tupi que está disponível na Cinemateca, o que tem lá são os roteiros de locução do telejornalismo, então eles não têm todo o audiovisual, mas esse roteiro de locução. Através desse material é possível saber qual notícia foi veiculada. É importante compreender que a televisão segue alguns padrões, então nossa análise parte um pouco disso, desse pressuposto. Eu entendendo qual que é o gênero do meu programa, quais são as práticas que são recorrentes daquele programa, de que forma que esse programa geralmente é construído, como esse programa geralmente é apresentado ao público, eu consigo sim, mesmo tendo alguns episódios, fazer uma discussão mais ampla, remontar um pouco essa história. Só para ficar no exemplo que você citou em relação à dissertação, você imagina que o Telecurso tinha ali 30-40 aulas, agora me fugiu o número de aulas por disciplina. Então, assim, era um número vastíssimo de material. Se eu fosse acessar as aulas de língua portuguesa, de matemática, de ciências, biologia, no caso, de química, de física... porque como eu analisei o programa como um todo eu não estava preocupado só com os conteúdos de história, estava preocupado em pensar o programa. Então seria praticamente impossível eu fazer essa análise assistindo todas

essas aulas, primeiro pela questão do acesso, eles não dariam esse acesso, e segundo pela questão de tempo mesmo, para quem está no mestrado aqui sabe o quanto o tempo é curto. O que eu fiz, busquei assistir uma ou duas Teleaulas de cada disciplinas, porque as disciplinas tinham diferenças entre si porque o programa estava no começo, então ainda não havia uma padronização e, a partir daí, eu busquei fazer algumas considerações sobre esse programa. Então, reforço, é possível a partir de alguns fragmentos no audiovisual, no cruzamento com outras fontes, a gente remontar essa história desse programa. O professor Igor Sacramento tem feito, ultimamente, um mapeamento do que há de programação televisiva no YouTube, justamente pelo YouTube ser uma fonte importante de acesso a esse audiovisual. Então, às vezes você pode ir lá, digitar no YouTube “Novela 1970” ou digitar “Fantástico 1980”, e, de repente, você encontra uma reportagem, você encontra uma cena de uma novela. Vai encontrar na íntegra? Não, não vai, mas você vai encontrar fragmentos e aí, a partir disso, a partir do conhecimento da história da televisão naquele período, é possível, sim, remontar esse cenário. Ainda tem outro ponto que eu pessoalmente não trabalhei nem no mestrado e nem no doutorado, mas acho plenamente válido, que é a possibilidade de uso da História Oral. Então, é possível entrevistar também esses agentes televisivos, esses artistas, esses produtores, esses diretores e, a partir dali, ter mais uma possibilidade de fonte. Claro, vai ter que problematizar a discussão da memória, da construção da memória, de como essa memória televisiva vai sendo reconstruída por esses agentes, mas também é uma fonte que pode ser uma forma muito interessante para pesquisa histórica.

[R.T] – O professor entende que a televisão é um espaço possível para a ocupação de historiadores públicos? A internet assumiu o protagonismo das mídias ou a televisão ainda é de alguma forma essencial? E aí eu quero chamar atenção sobre o papel desempenhado por alguns YouTubers (...). Então, eu queria que você mencionasse um pouco sobre o papel da televisão e a possibilidade de ocupação desse espaço pelo Historiador em contraposição a essas redes sociais e esses YouTubers que também têm uma grande influência e muitas vezes acabam comentando e validando uma narrativa histórica a respeito dos fatos.

[W.A.O] – O historiador da mídia, quem trabalha com mídia, precisa entender que esses

processos são históricos e não há substituição definitiva de uma mídia por outra, então esse é o primeiro ponto. Posso citar aqui o livro do Peter Burke e Asa Briggs, “Uma história social da mídia”, eles vão estudar desde a imprensa de Gutenberg, passando pelo desenvolvimento das mídias chegando até o Ciberespaço. E o que eles demonstram ali, de uma forma bastante clara, que as mídias coexistem, a cada surgimento de uma nova mídia é anunciada a morte da mídia anterior. Foi assim quando surgiu o cinema, depois quando surgiu o rádio, a televisão surgiu e aí foi decretada a morte dele, com a televisão é decretada a morte do cinema, porque: quem vai se deslocar para assistir um filme, sendo que o filme está ali na casa?. E aí, da mesma forma, quando do advento da internet, a televisão também foi, claro, a bola da vez, no sentido de: bom, agora acho que é o fim da televisão. Inclusive, tem inúmeros livros com esse título assim “Fim da televisão”, colocando esse cenário catastrófico, mas o que sabemos e podemos apontar, enquanto historiadores, claro, é que houve mudanças no consumo televisivo, alterações. Se você pensar que a TV foi hegemônica durante muito tempo e hoje ela tem essa concorrência desses outros meios, nesses meios digitais, então, claro, isso está colocado, está posto, mas não indica a morte do meio anterior, então não é a morte da televisão. E ainda assim, eu posso afirmar que a televisão, no nosso contexto social, é muito influente, ainda tem um papel muito importante. Primeiro porque ela está também nas redes, muitas vezes a gente está lá comentando, a gente está lá brigando nas redes sociais por conta do Big Brother. Muitas vezes quem está pautando esses conteúdos são esses grupos que detêm esse monopólio nas mídias tradicionais, tanto impressa quanto eletrônica. Este é um ponto que não podemos deixar de lado. Nosso contexto atual de pandemia evidenciou isso, escancarou. Quando os alunos precisaram ficar em casa, não ir para a escola, descobriu-se, como num passe de mágica, que os alunos não têm internet banda larga, mas têm uma televisão. Inclusive, várias Secretarias de Estado optaram por esse caminho da televisão para levar os conteúdos educativos, porque é o meio que está ali na sala, a TV está ali na sala de estar, enquanto a internet, o acesso hoje se dá, majoritariamente, via celular e muitas pessoas não têm o melhor aparelho, não têm o plano de dados que vai contemplar. Então, a Pandemia escancarou de uma forma brutal as nossas desigualdades. Desse ponto de vista, claro, temos esse elemento de concorrência, mas ainda assim a televisão cumpre um papel bastante importante. Neste sentido, eu vejo a importância e a possibilidade, sim, de atuação do historiador nesses meios. A gente tem, claro, por ser um meio, digamos, monopolizado, os acessos são mais restritos. É muito diferente, você, por exemplo, pode criar um canal seu no YouTube, um perfil aqui no Instagram e passar a difundir o seu conteúdo enquanto professor de história, enquanto historiador, isso é uma coisa.

Outra coisa é você ser contratado pela CNN. Então, assim, claro que o acesso muitas vezes é limitado a algumas personalidades, mas sobre isso também estamos nos referindo ao âmbito nacional, porque o que a minha pesquisa tem indicado é que, justamente, há um espaço sim que os historiadores vão ocupando nesse telejornalismo regional. É o historiador que está ali, a pessoa que está fazendo a pesquisa sobre a cidade no qual a universidade está inserida, tem essa dimensão local, essa dimensão regional. Por exemplo, os jornalistas adoram uma efeméride (Risos). Nós tivemos o 15 de de Novembro, que ficou meio ofuscado pelas eleições, então ninguém lembrou que era a Proclamação da República. Mas, normalmente, os jornalistas tematizam isso. Tem o sete de setembro, como essas datas aparecem na TV? Outro exemplo, qual foi o papel de determinada cidade no processo de Independência? Então, esses conteúdos também são regionalizados, também são deslocados. Eu vejo, sim, como uma possibilidade. Nós tivemos, em 2017, um programa bastante interessante, de âmbito nacional, que foi produzido pela Bandeirantes, o “Era uma vez uma história”, que tinha uma encenação, uma dramatização, que foi com a Lília Schwarcz, ela fez a apresentação e participou de toda a produção do programa. Foi uma série bastante interessante que trouxe a história do Brasil para um público mais amplo, sem criar nenhum tipo de constrangimento, de negacionismo, como a gente vê em alguns casos. Para citar o caso mais emblemático, inclusive, problematizado por alguns historiadores, o “Guia Politicamente Incorreto”, a série produzida pela History e que coletou depoimentos de alguns historiadores sem falar qual que era a série, simplesmente: “ah, estamos produzindo uma série sobre história do Brasil; ah, que legal!” E aí, de repente, quando foi ao ar era uma série do “Guia Politicamente Incorreto” do [Leandro] Narloch, e apresentado pelo [Felipe] Castanhari - novamente, a questão do Youtuber - e que, simplesmente, distorcia a fala desses historiadores, usava o nome desses historiadores como forma de legitimar aquela história, nos dizeres do Narloch “politicamente incorreta”, que nada mais é do que, na verdade, um amontoado de casos e citações fora de contexto para legitimar uma dada visão de história. Então, claro, há esses exemplos e, perceba, esses casos estão na televisão e na internet também vão aparecer, e acho que o fato justamente de estarmos neste momento de disputas, de possibilidades, é necessário que nós, enquanto historiadores, **ocupemos as redes**. Acho que é agora que precisamos ocupar mesmo, porque como a gente diz: em mídia ‘não há espaço vazio’, então no jornal não há página em branco, à exceção dos momentos de censura, na televisão também não há período em que a imagem não aparece, no rádio não vai ter nenhum momento sem som. Se nós, enquanto historiadores não falarmos, outros vão falar, essa lógica é simples, se virarmos as

costas, como muito tempo se colocou como “ah, não, são meios de comunicação alienante a serviço do capital”, está tudo bem, então eles vão continuar fazendo esse serviço do capital, vão continuar alienando e nós continuaremos excluídos. Eu tenho a visão de que precisamos ocupar de alguma forma esses meios. Claro, através do nosso arcabouço metodológico, mas entendendo a lógica, a linguagem da própria mídia. Não adianta eu querer expor a minha tese em um programa, por exemplo, de entrevistas com a Fátima Bernardes, não vai dar, eu vou simplesmente fazer alguns comentários. Mas há possibilidade de ser um historiador fazendo um comentário do que ser um outro sujeito. Enfim, eu acho que há sim espaços para a gente ocupar esses meios.